



# Carta do **Gestor**

Setembro | 2026

## Conteúdo

|                              |           |
|------------------------------|-----------|
| <b>Cenário Econômico</b>     | <b>3</b>  |
| <b>Renda Fixa e Crédito</b>  | <b>7</b>  |
| SOMMA Genebra                | 10        |
| SOMMA Torino                 | 11        |
| SOMMA Firenze                | 12        |
| SOMMA ANS                    | 13        |
| SOMMA Siena                  | 14        |
| <b>Multimercado</b>          | <b>15</b> |
| SOMMA Institucional          | 16        |
| <b>Ações</b>                 | <b>17</b> |
| SOMMA Fundamental            | 18        |
| <b>Exterior</b>              | <b>19</b> |
| Open Vista Patrimônio Global | 20        |
| Open Vista Ciências Médicas  | 24        |
| Open Vista Tecnologia Global | 27        |

## Cenário Econômico

### “Against the Tide”: Juros e eleições colocam mercados brasileiros na contramão do exterior no mês de setembro

Os mercados brasileiros exibiram *performance* bastante positiva ao longo do mês de setembro. A curva de juros nominal fechou de modo consistente ao longo de seus vencimentos, destacadamente nos trechos de maior prazo; o real apresentou marginal apreciação diante do dólar; e o Ibovespa avançou em torno de 5,0%. Mais interessante que os movimentos propriamente ditos foi o fato de terem ocorrido num período majoritariamente adverso para boa parte dos mercados globais. Inegavelmente, particularidades domésticas permitiram aos ativos do Brasil navegar em direção distinta daquela observada no exterior. De um lado, indicadores econômicos e comunicações do Banco Central do Brasil (BCB) reforçaram a percepção de que o Copom dispõe de espaço para seguir com o processo de calibração da política monetária. De outro lado, com a aproximação das eleições gerais, o caminhar das semanas foi acompanhado por aumento da confiança dos investidores na possibilidade de troca do comando do governo federal, ao mesmo tempo que cresceu a percepção de avanço do espectro da direita nas disputas estaduais e no Congresso Nacional.

Na conjuntura global, o principal elemento de desconforto veio do mercado de títulos soberanos. As curvas de juros abriram de forma expressiva, sobretudo nos vencimentos mais longos, movimento que alcançou diferentes economias e atuou como importante detrator para os ativos de risco. Nos EUA, em determinado momento, os *yields* das *Treasuries* de 10 anos superaram 5,20%, alcançando o maior patamar em aproximadamente duas décadas. Diversos *drivers* estiveram por trás de tamanha movimentação. Problemas fiscais e estruturais das principais economias envolvidas, a maior resiliência da atividade econômica, comunicações mais duras de membros do Fed e as incertezas geopolíticas atuaram, em intensidades diferentes, para pressionar as taxas de longo prazo.

Especificamente nos EUA, a reunião do Fed foi um dos eventos mais importantes do período. A autoridade monetária elevou a taxa básica de juros em 0,25 p.p., com uma decisão unanimemente tomada pelos

## Cenário Econômico

membros votantes. Além disso, o comunicado e, principalmente, a coletiva do presidente do Fed, Kevin Warsh, trouxeram um tom algo mais duro do que o esperado. Por outro lado, o conjunto das projeções dos membros do FOMC não corroborou a hipótese de um ciclo muito mais intenso de aperto monetário, com a mediana do Dot Plot indicando apenas mais 0,25 p.p. de elevação até o encerramento de 2026. Dito de outra forma, embora o Fed tenha confirmado que a inflação ainda exige cautela e atuação, também não sinalizou estar diante da necessidade de um processo agressivo de restrição monetária.

Aliás, os indicadores norte-americanos conhecidos ao longo de setembro foram, em boa medida, responsáveis pelas idas e vindas nas expectativas para o Fed. Em alguns momentos, números fortes de atividade trouxeram preocupação. As prévias dos PMIs de setembro, por exemplo, revelaram aceleração disseminada da economia dos EUA, acompanhada de pressões sobre custos. Em outros, foram conhecidos sinais mais favoráveis. Já próximo ao término do mês, o PCE de agosto trouxe núcleo ligeiramente abaixo das estimativas e comportamento relativamente contido da inflação de serviços. Não por acaso, a probabilidade implícita de nova elevação dos juros na reunião seguinte do Fed, que havia se aproximado de 70%, recuou para pouco mais de 20%.

Europa e China continuaram como coadjuvantes da cena global. No continente europeu, os indicadores revelaram atividade mais resiliente em setembro, ao mesmo tempo que a alta dos preços de energia decorrente das tensões no Oriente Médio continuou oferecendo riscos para a inflação e para o poder de compra das famílias. Na China, manteve-se o caráter dual da economia: a demanda doméstica seguiu exibindo sinais de fraqueza, enquanto a produção industrial e, principalmente, o setor exportador continuaram oferecendo sustentação ao crescimento. Em agosto, por exemplo, as vendas no varejo avançaram apenas 0,4% A/A, enquanto a produção industrial cresceu 5,2% A/A, num contexto em que as exportações registraram expansão de 25% A/A. Medidas de estímulo econômico já começaram a ser desenhadas pelos líderes do gigante asiático.

No Brasil, a agenda macroeconômica forneceu diversos argumentos para a melhora dos mercados, especialmente no que concerne ao futuro da política monetária. Logo no início do mês, o PIB do 2T26 mostrou crescimento de 0,5% T/T, desacelerando frente aos 1,1% T/T verificados no trimestre anterior.

## Cenário Econômico

Mais importante, sua composição revelou perda de força justamente nas linhas mais sensíveis ao ciclo econômico. A indústria de transformação e a construção civil recuaram, o setor de serviços perdeu ímpeto e o consumo das famílias contraiu 0,4%. Em nossa avaliação, o resultado confirmou que os efeitos defasados da política monetária restritiva começaram a sobressair diante dos estímulos fiscais e creditícios implementados ao longo do primeiro semestre.

As divulgações posteriores reforçaram a mesma mensagem. O IBC-Br de julho recuou 0,22% M/M, algo que ocorreu mesmo após a forte contração do índice em junho; a Pesquisa Mensal de Serviços mostrou estabilidade do setor na margem, permanecendo virtualmente sem crescimento desde o fim de 2025. Mesmo o mercado de trabalho, embora ainda resiliente, seguiu trazendo sinais de perda gradual de brilho. A criação de vagas formais surpreendeu positivamente em agosto, mas o saldo acumulado no ano ficou significativamente abaixo daquele observado em 2024 e 2025, paralelamente à desaceleração dos salários. Em outras palavras, o conjunto das informações seguiu apontando para uma economia que desacelera de modo relativamente claro, mas sem apresentar qualquer sinal de colapso.

Na inflação, o saldo das informações também continuou construtivo. O IPCA de agosto registrou deflação de 0,32% M/M e, mais importante do que o número cheio, a média dos núcleos permaneceu ao redor de 0,20% pelo terceiro mês consecutivo. Embora o IPCA-15 de setembro tenha trazido alguma decepção em termos quantitativos, avançando 0,70% M/M diante de uma expectativa de 0,55%, a abertura do índice mostrou que parcela relevante da surpresa decorreu de componentes específicos, como passagens aéreas, energia elétrica residencial e alimentos. Assim, nossa avaliação foi de que a melhora acumulada ao longo dos meses anteriores concedeu espaço para a absorção de uma leitura pontualmente menos favorável sem provocar mudanças substanciais no cenário.

Foi diante desse pano de fundo que o Copom voltou a cortar a taxa Selic em 0,25 p.p., levando o juro básico da economia doméstica para 13,75%. Apesar de a autoridade monetária não ter contratado formalmente movimentos futuros, entendemos que o comunicado, a ata e o Relatório de Política Monetária forneceram elementos suficientes para sustentar a continuidade do processo de calibração. O BCB destacou a desaceleração mais intensa dos setores cíclicos, a queda do consumo das famílias e a transmissão da política monetária restritiva para o mercado de crédito. Além disso,

## Cenário Econômico

chamou atenção a projeção de crescimento de apenas 1,4% para o PIB de 2027. Desse modo, esperamos outros dois cortes de 0,25 p.p. nas reuniões restantes deste ano, levando a Selic para 13,25% ao término de 2026, além da continuidade do ciclo de cortes em 2027.

Por fim, seria impossível explicar o desempenho dos mercados brasileiros em setembro sem incorporar a política e o calendário eleitoral. Conforme o mês avançou e as eleições gerais se aproximaram, pesquisas de intenção de voto passaram a sugerir uma disputa cada vez mais apertada pela Presidência da República. Se, no começo do período, a leitura era de ausência de um claro favorito, nas semanas seguintes diferentes levantamentos passaram a mostrar empate técnico entre Lula e Flávio Bolsonaro e, em algumas pesquisas, vantagem do candidato da direita nas simulações de segundo turno. Ao mesmo tempo, aumentou a confiança em relação ao avanço de candidaturas do espectro da direita nas disputas estaduais e na composição do Congresso Nacional. Para os mercados, o saldo das informações foi interpretado como aumento da probabilidade de alternância de poder e de uma mudança na condução da política econômica a partir de 2027.

Assim, setembro talvez seja melhor compreendido justamente pelo contraste entre o Brasil e o restante do mundo. Enquanto a forte abertura das curvas globais de juros, os riscos fiscais nas economias desenvolvidas, as incertezas em torno do Fed e a turbulência geopolítica impuseram um pano de fundo pouco convidativo para ativos de risco, o mercado brasileiro encontrou dois importantes amortecedores. O primeiro veio da confirmação de que a economia segue em processo de desaceleração controlada e de que, diante de uma dinâmica inflacionária ainda razoavelmente benigna, o Copom tem espaço para continuar reduzindo a taxa Selic. O segundo surgiu do cenário eleitoral, que, ao longo das semanas, passou a ser interpretado de maneira mais favorável pelos investidores.

Com as eleições batendo à porta, obviamente devemos esperar muita volatilidade nos negócios. Porém, caso o contexto político não provoque uma deterioração expressiva da taxa de câmbio e o cenário macroeconômico siga evoluindo conforme o por nós imaginado, entendemos que continuam presentes argumentos relevantes para uma boa dinâmica dos mercados brasileiros nos próximos meses.



## Renda Fixa e Crédito

## Mercado de Crédito

Setembro foi marcado por uma abertura generalizada dos *spreads* no mercado de crédito privado. Mesmo com captação líquida de aproximadamente R\$ 3,9 bilhões, os fundos indexados ao CDI acompanharam uma abertura de 7 bps no IDA DI. Já a indústria de infraestrutura voltou a registrar resgates líquidos, de cerca de R\$ 1,1 bilhão, em um contexto que levou o IDA-LIQ-IPCA Infra a abrir 47 bps no mês, o maior movimento de abertura desde fevereiro de 2023.

Ao longo do mês, os ativos indexados ao CDI apresentaram maior volatilidade e, diante dos níveis mais elevados de caixa que vínhamos mantendo, esse movimento gerou oportunidades de alocação. Alguns emissores passaram a ser mais impactados pelo fluxo vendedor, levando determinados ativos a atingir níveis de *spread* historicamente elevados, mesmo sem deterioração correspondente de seus fundamentos. Em alguns casos, observamos companhias que, apesar de apresentarem trajetória consistente de redução da alavancagem, registraram aberturas relevantes de *spread*. Em nossa visão, esse comportamento reforça que o movimento decorreu predominantemente de fatores técnicos e de fluxo, e não de uma piora efetiva da qualidade de crédito.

Aproveitamos esse movimento para retomar alocações em alguns emissores AAA do segmento de *utilities*, que voltaram a apresentar uma relação risco-retorno mais adequada. Também elevamos marginalmente posições em emissores que registraram aberturas relevantes de *spread* sem que identificássemos deterioração correspondente nos fundamentos, entendendo que a pressão vendedora ofereceu pontos de entrada mais atrativos.

De forma semelhante, passamos a acompanhar com maior atenção, nos últimos meses, o mercado de debêntures incentivadas, que vem registrando movimentos sucessivos de abertura de *spreads*. Por se tratar, em grande parte, de emissores inseridos em setores mais resilientes, com demanda relativamente previsível e bom acesso ao mercado de capitais, a magnitude desse movimento chamou nossa atenção.

Em nossa visão, parte relevante dessa abertura está associada a um desalinhamento entre a expectativa de retorno dos cotistas e o comportamento recente dos fundos de infraestrutura. Nos últimos anos, essa indústria captou volumes elevados de recursos que, em razão das regras aplicáveis à classe, precisavam ser alocados dentro de determinados prazos. Esse fluxo contribuiu para uma compressão expressiva dos *spreads*, levando, em alguns momentos, os fundos a alocar recursos mesmo em níveis

## Mercado de Crédito

de prêmio pouco atrativos. Como consequência, parte da indústria passou a carregar ativos com uma relação risco-retorno menos favorável e com menor capacidade de sustentar os retornos observados anteriormente.

Com a reversão do fluxo e o início dos resgates, esse movimento passou a operar no sentido contrário. Como as debêntures incentivadas possuem, em geral, *duration* mais elevada do que os ativos tradicionais de crédito privado (dado que financiam projetos de longo prazo), elas apresentam maior sensibilidade a movimentos de abertura de *spreads*. Assim, a pressão vendedora passou a gerar retornos negativos em diversos fundos, o que, por sua vez, estimulou novos resgates e reforçou a necessidade de venda de ativos, criando um ciclo de retroalimentação.

Esse processo passou a gerar oportunidades de alocação mais interessantes. Em determinados casos, debêntures incentivadas passaram a negociar, em termos equivalentes, com prêmios significativamente superiores aos observados em ativos não incentivados de risco semelhante. Diante dessa assimetria, iniciamos alocações de forma parcimoniosa, em linha com a postura adotada em abril deste ano.

Entendemos que o cenário atual apresenta uma assimetria ainda mais favorável do que naquele período. Ainda assim, consideramos que existe espaço para novas aberturas de *spread*, razão pela qual seguimos com uma postura cautelosa. À medida que identificarmos sinais mais claros de estabilização ou inflexão desse movimento, poderemos ampliar de forma mais relevante a exposição à classe.

Além da utilização do caixa para essas novas alocações, aproveitamos para reduzir parcialmente posições em Letras Financeiras subordinadas, realizando ganhos em alguns casos. Entendemos que o cenário à frente tende a continuar oferecendo oportunidades tanto em debêntures indexadas ao CDI quanto em debêntures incentivadas. Seguiremos, portanto, atuando de forma seletiva, com foco em emissores de elevada qualidade de crédito, sem pressão relevante de vencimentos no curto prazo e com níveis de alavancagem considerados saudáveis.

# SOMMA Genebra Referenciado DI

## Classe Única Renda Fixa

Escala de Perfil de Risco



MODERADO SEM RV

No mês de setembro o retorno do SOMMA Genebra Referenciado DI foi de +1,12% contra +1,08% do CDI (equivalente a 103,89% do CDI). Em 12 meses o fundo acumula retorno de +14,98% contra +14,48% do índice (equivalente a 103,44% do CDI).

O fundo mantém exposição exclusivamente em emissores bancários com classificação de *rating* igual ou superior a A- por agências internacionais.

# SOMMA Torino Renda Fixa Crédito Privado

Classe Única Renda Fixa

Escala de Perfil de Risco



MODERADO SEM RV

No mês de setembro o retorno do SOMMA Torino Renda Fixa Crédito Privado foi de +1,09% contra +1,08% do CDI (equivalente a 100,25% do CDI). Em 12 meses o fundo acumula retorno de +14,78% contra +14,48% do índice (equivalente a 102,10% do CDI).

No crédito corporativo, a *performance* do fundo foi impactada negativamente pelo movimento generalizado de abertura dos *spreads* ao longo do mês. Em contrapartida, na carteira bancária, as Letras Financeiras apresentaram leve compressão das taxas, contribuindo positivamente para o resultado do período.

O fundo encerrou o mês com 2,49 anos de *duration* e carregou de CDI + 0,87% a.a.

# SOMMA Firenze Renda Fixa Crédito Privado

Classe Única Renda Fixa

Escala de Perfil de Risco



MODERADO SEM RV

No mês de setembro o retorno do SOMMA Firenze Renda Fixa Crédito Privado foi de +1,12% contra +1,08% do CDI (equivalente a 103,07% do CDI). Em 12 meses o fundo acumula retorno de +14,84% contra +14,48% do índice (equivalente a 102,50% do CDI).

No crédito corporativo, a *performance* do fundo foi impactada negativamente pelo movimento generalizado de abertura dos *spreads* ao longo do mês. Em contrapartida, na carteira bancária, as Letras Financeiras apresentaram leve compressão das taxas, contribuindo positivamente para o resultado do período.

O fundo encerrou o mês com 2,51 anos de *duration* e carregou de CDI + 1,37% a.a.

# SOMMA ANS Renda Fixa Crédito Privado

Classe Única Renda Fixa

Escala de Perfil de Risco



MODERADO SEM RV

No mês de setembro o retorno do SOMMA ANS Renda Fixa Crédito Privado foi de +1,13% contra +1,08% do CDI (equivalente a 104,78% do CDI). Em 12 meses o fundo acumula retorno de +14,96% contra +14,48% do índice (equivalente a 103,35% do CDI).

No crédito corporativo, a *performance* do fundo foi impactada negativamente pelo movimento generalizado de abertura dos *spreads* ao longo do mês. Em contrapartida, na carteira bancária, as Letras Financeiras apresentaram leve compressão das taxas, contribuindo positivamente para o resultado do período.

O SOMMA ANS encerrou o mês com 2,38 anos de *duration* e carregou de CDI + 1,21% a.a.

# SOMMA Siena

## FIC de FIDC

Escala de Perfil de Risco



No mês de setembro o retorno do SOMMA Siena FIC de FIDC foi de +1,26% contra +1,08% do CDI (equivalente a 116,60% do CDI). Desde o início do fundo (outubro de 2025) o fundo acumula retorno de +15,60% contra +14,23% do índice (equivalente a 109,68% do CDI).

A carteira finalizou o mês com 85,90% de alocação em FIDCs, um carregamento de DI + 3,86% a.a e uma subordinação ponderada de 36,56%. No período foi realizada a aquisição de cotas de dois FIDCs.



## Multimercado

# SOMMA Institucional Multimercado

## Classe Única Multimercado

Escala de Perfil de Risco



MODERADO COM RV

Em setembro, o fundo registrou retorno de 0,84%, o que equivale a aproximadamente 78% do CDI no período. As principais contribuições positivas vieram das posições compradas em renda variável local e das posições aplicadas na parte curta da curva de juros brasileira. Os principais detratores foram as posições compradas em inclinação da curva brasileira e as posições compradas em moedas emergentes contra o dólar.

O mês foi marcado por forte sensibilidade dos ativos de risco ao ambiente eleitoral, movimento já esperado diante da proximidade do primeiro turno. A melhora nas pesquisas do candidato Flávio Bolsonaro levou o mercado a precificar uma probabilidade maior de vitória da oposição. Com isso, o Ibovespa se valorizou e a parte longa da curva de juros fechou, apesar da pressão de alta vinda dos juros americanos.

A parte curta da curva reagiu tanto ao cenário eleitoral quanto ao comunicado e à ata da reunião do COPOM de setembro. Os documentos não trouxeram grandes novidades, mas tiveram um tom levemente mais *dovish*, o que levou o mercado a precificar a continuidade do ciclo de cortes na reunião de novembro.

Esse ambiente favoreceu nossas posições compradas em bolsa, tanto no *book* direcional quanto no de *stock picking*. O *book* de juros também teve resultado positivo, apesar da perda na posição de inclinação. Mantivemos as posições existentes e incluímos uma posição comprada em real contra o dólar. Na nossa avaliação, a recente depreciação do real, causada pelo fortalecimento global do dólar, abriu uma oportunidade de entrada atrativa durante o período eleitoral.

A elevação de juros pelo Fed, seguida de declarações mais duras de seus membros, prejudicou nossas posições vendidas em dólar ao longo do mês. Além da política monetária, a reversão dos avanços recentes nas negociações do conflito no Oriente Médio também pesou sobre o portfólio, tanto no *book* de moedas quanto na posição comprada em ouro.

Diante disso, reduzimos as posições vendidas em dólar. Seguimos com exposição líquida vendida na moeda americana, mas agora com uma composição de moedas que diminui a sensibilidade às decisões do Fed.

De forma geral, seguimos otimistas com o cenário local, sobretudo no curto prazo. No cenário internacional, adotamos uma postura mais cautelosa. Acreditamos que o mercado exagerou ao precificar novas altas de juros pelo Fed. Ainda assim, na nossa visão, os juros longos americanos começaram a perder sua referência, o que aumenta a incerteza nos mercados globais.

## Ações

# SOMMA Fundamental Ações

## Classe Única Ações

Escala de Perfil de Risco



ALTO

Em setembro, o SOMMA Fundamental Ações apresentou valorização de 5,22%, acima do desempenho do Ibovespa, que avançou 5,03% no mesmo período. No acumulado do ano, o fundo registra rentabilidade de 10,18%, enquanto o Ibovespa acumula alta de 15,65%.

No cenário internacional, o principal destaque foi a elevação da taxa de juros americana pelo Fed, pela primeira vez desde 2023, em resposta à persistência das pressões inflacionárias. A curva de juros nos Estados Unidos manteve sua trajetória de alta, com os vencimentos mais longos atingindo níveis não observados desde 2007. Adicionalmente, o conflito entre Irã e Estados Unidos continuou sem sinais de resolução, levando os preços do petróleo novamente a patamares superiores a US\$ 100 por barril. Apesar desse ambiente adverso, o mercado acionário americano demonstrou resiliência, sustentado pelas empresas do setor de tecnologia, enquanto os demais setores apresentaram desvalorização no mês.

No ambiente doméstico, apesar do cenário macroeconômico desafiador, o Banco Central promoveu mais um corte de 0,25 p.p. na taxa Selic, para 13,75%, mantendo, contudo, uma comunicação cautelosa e sem sinalizar novos cortes à frente. O Ibovespa apresentou forte desempenho, principalmente na primeira parte do mês, que coincidiu com a retomada do fluxo de capital estrangeiro, que tem exercido influência relevante sobre o comportamento do mercado nos últimos meses. Em setembro, a entrada líquida de recursos somou R\$ 9,1 bilhões, elevando o acumulado do ano para R\$ 27,4 bilhões.

No cenário político, as pesquisas eleitorais, que passaram a indicar maior probabilidade de vitória da oposição, contribuíram para um ambiente mais favorável aos ativos domésticos. Nesse contexto, o setor financeiro e as empresas estatais estiveram entre os principais destaques positivos. Em contrapartida, o setor de mineração foi o principal detrator, pressionado pela queda dos preços do minério de ferro e pelo aumento dos custos, especialmente do frete marítimo.

Em relação ao portfólio, as principais movimentações envolveram o aumento da alocação em Petrobras, Sabesp e Localiza, além da redução da posição em Axia. Os movimentos refletiram o aumento da exposição do portfólio a empresas com potencial de valorização no caso de um cenário eleitoral mais construtivo. Ao mesmo tempo, mantivemos uma alocação relevante no setor de *utilities*, priorizando companhias com perfil defensivo, geração consistente de caixa e maior previsibilidade de resultados, que também podem se beneficiar de um eventual fechamento da curva de juros reais.



## Exterior

# Open Vista Patrimônio Global Multimercado

Classe Única Investimento no Exterior

Escala de Perfil de Risco



MÉDIO-ALTO

Em setembro, o fundo Open Vista Patrimônio Global obteve uma rentabilidade negativa de 1,0%, que equivale a uma queda de 0,7% em dólares. A *performance* reflete um ambiente de forte resiliência econômica, porém sob o peso de persistentes pressões inflacionárias, novas tarifas comerciais e sérias tensões geopolíticas no Oriente Médio, que impulsionaram o petróleo de volta ao patamar acima de US\$ 100 por barril. Apesar de choques na cadeia de energia e de um ciclo de aperto monetário em que a maioria dos bancos centrais elevaram as taxas de juros, a atividade global continuou impulsionada por gastos de capital maciços e investimentos corporativos, especialmente nos Estados Unidos.

No mercado de renda variável global, o mês de setembro foi marcado por uma correção negativa generalizada, com os principais índices acionários do mundo fechando em queda devido à forte aversão ao risco. O sentimento dos investidores foi severamente abalado pelo salto nos rendimentos (*yields*) dos títulos americanos de renda fixa e pela ausência de progressos no conflito do Oriente Médio. Refletindo esse cenário de aversão ao risco, o índice de referência americano S&P 500 registrou uma queda de 0,5%, encerrando o período aos 7.651 pontos. Essa retração, no entanto, esconde uma forte distorção interna na qual cerca de 75% das ações componentes do S&P 500 fecharam o mês no campo negativo, e o índice cheio só evitou um recuo mais severo devido ao peso concentrado de pouquíssimas megacaps de tecnologia atreladas à Inteligência Artificial. Fora desse nicho, a liquidação foi generalizada nas bolsas europeias e nos mercados emergentes, que sofreram de forma unânime com o fluxo de saída de capital e com o encarecimento dos custos de energia.

Na renda fixa global, o mês foi marcado por uma forte reprecificação e venda generalizada de títulos (*sell-off*), com os rendimentos das Treasuries, os títulos do tesouro americano, de 10 e 30 anos atingindo máximas e ultrapassando a barreira de 5%. Esse avanço expressivo nos rendimentos foi motivado por preocupações fiscais e pelo tom mais rígido dos bancos centrais contra a inflação, o que penalizou severamente os títulos de longa duração. Em contrapartida, investidores encontraram refúgio e retornos positivos em estratégias de taxa flutuante (*floating-rate*) e títulos de curto prazo, capitalizando sobre o regime de dinheiro mais caro.

No mercado de câmbio global, o mês refletiu a força renovada do dólar frente às principais divisas ocidentais, em contrapartida a dinâmicas específicas na

# Open Vista Patrimônio Global Multimercado

Classe Única Investimento no Exterior

Escala de Perfil de Risco



MÉDIO-ALTO

Ásia. Na relação com o Euro, o dólar americano registrou uma sólida trajetória de valorização, avançando 2,4%, impulsionado pelos rendimentos atrativos das Treasuries e pelo prêmio de risco geopolítico. Em contrapartida, com relação à moeda japonesa, o iene, o dólar operou em sentido oposto, acumulando uma retração no mês de 1,6%. Esse fortalecimento do iene decorreu do posicionamento mais firme do Banco do Japão (BoJ).

Nos EUA a terceira estimativa do BEA, o Escritório de Análise Econômica, revisou o PIB do 2T26 para 2,2% anualizado, ante 1,5% na estimativa anterior e o 1T26 foi revisado para 2,5%. Os dados de agosto publicados em setembro mostraram a inflação ao consumidor, medida pelo CPI, em alta de 0,4% m/m e 3,4% a/a, com destaque para a alta da energia de 16,3% em 12 meses e para a gasolina, que subiu 3,9% no mês. O mercado de trabalho gerou 162 mil novas vagas no mês e a taxa de desemprego se manteve em 4,1%. Com base nos dados, o Comitê de Política Monetária do Banco Central americano, o FOMC, em sua reunião de 16/09, elevou por unanimidade (12 votos a zero) a taxa de juros em 25 pb para 4,00%. A combinação de atividade resiliente e inflação acima da meta é consistente com uma postura monetária restritiva.

Na Europa o PIB da área do euro cresceu 0,6% no 2T26 e 1,2% nos últimos 12 meses. O emprego avançou 0,1% no trimestre e 0,5% em 12 meses. A inflação ao consumidor de agosto, medida pelo HICP, foi 3,2% a/a, contra 2,9% em julho, com alta mensal de 0,4%, com a contribuição de 1,29 ponto percentual vindo da energia. O dado de desemprego agregado mais recente disponível era 6,4% em julho, com 11,3 milhões de desempregados. Em 10/09, o Banco Central Europeu - BCE elevou a taxa de juros em 25 pb, para 2,65%.

Na Ásia, a economia japonesa continuou a desacelerar, pressionada por uma queda de 1,7% na produção industrial de agosto e por uma inflação nacional ao consumidor acumulada em 1,9% nos últimos 12 meses. Apesar da atividade fraca, o Banco Central do Japão (BoJ) adotou uma postura rígida em sua reunião de 18 de setembro na qual, em uma decisão decidida por 7 votos a 2, elevou a taxa overnight para 1,25%, que é o maior patamar desde 1995, justificando que as condições financeiras permanecem acomodáticas e que a inflação subjacente orbita a meta de 2%. Enquanto isso, a China trouxe dados oficiais de setembro que apontam para uma leve recuperação fabril, com o PMI manufatureiro subindo para 50,1% (retornando à zona de expansão), o não manufatureiro em 50,2% e o composto em 50,7%. O resultado complementa os indicadores de agosto reportados ao longo do mês, que registraram alta de 5,2% na produção industrial ano a ano e um avanço tímido de 0,4% nas vendas no varejo, em paralelo a uma taxa de desemprego urbano fixada em 5,3%

# Open Vista Patrimônio Global Multimercado

## Classe Única Investimento no Exterior

Escala de Perfil de Risco



Neste ambiente global divergente, os mercados globais de ações apresentaram, em setembro, resultados negativos em todas as regiões avaliadas. O MSCI World registrou queda de 1,3% em dólares (-1,6% em reais), o S&P 500 caiu 0,5% em dólares (-0,8% em reais), enquanto o MSCI Europa apresentou queda mais acentuada de 4,6% em dólares (-4,9% em reais). O MSCI Emergentes perdeu no mês 0,8% em dólares (-1,1% em reais). Regionalmente, o MSCI América Latina foi o que menos perdeu no mês, com queda de 0,4% em dólares (-0,7% em reais), e o MSCI Ásia fechou em queda de 0,6% em dólares (-0,9% em reais).

Os títulos do tesouro americano com prazos de vencimento entre 7 e 10 anos fecharam o mês em forte queda de 3,7%. Os de países emergentes, emitidos em dólares, fecharam com queda de 4,1%, enquanto os títulos corporativos de baixo risco de crédito fecharam com queda de 3,1%. O rendimento dos títulos do tesouro americano de 10 anos encerrou o mês no maior nível da década, em 5,29% a.a., muito acima do patamar de 4,76% do final de agosto. Setembro, assim como agosto, foi um mês de fortes altas para as *commodities* em geral, cujo índice global encerrou com ganhos de 4,5%. O preço do petróleo WTI, que em agosto teve alta de 1,0%, subiu 11,7% em setembro, atingindo o valor de US\$ 97,18 (contra US\$ 87,03 no último dia de agosto). O ouro voltou a cair e fechou o mês em queda de 6,6%, em US\$ 4.157 em 30 de setembro, contra US\$ 4.449 no final de agosto. O DXY mostrou o fortalecimento do dólar americano, que neste mês ganhou frente a cesta de moedas de países desenvolvidos, fechando com alta de 2,0%. Contra o real, o dólar se depreciou 0,3% no mês.

Em termos de classes de ativos, o fundo reduziu sua alocação em renda fixa para 48,6% do PL, ante 49,6% em agosto, os investimentos em ações globais passaram de 50,4% para 51,4% e o investimento em ouro se manteve em zero. Na renda fixa, as maiores posições estão concentradas em títulos do tesouro americano, com 30,8% dos investimentos, seguidos por investimentos em títulos de países emergentes de baixo risco de crédito com 12,9% do total do fundo. Na renda variável, as maiores participações estão em ações americanas, que representam 24,8% do PL, seguidas por ações globais de países desenvolvidos e emergentes, com 14,5% do total.

O fundo mantém sua estratégia de diversificação através de ETFs de ações globais assim como de ETFs de títulos do Tesouro dos EUA. A participação de ETFs focados em regiões e mercados específicos e algumas estratégias de fatores, adiciona camadas de diversificação e potencial de retorno. A exposição a ouro físico e em títulos de crédito corporativos, grande parte dos quais de baixo risco, também pode

# Open Vista Patrimônio Global Multimercado

Classe Única Investimento no Exterior

Escala de Perfil de Risco



contribuir para a estabilidade e o desempenho geral do fundo.

Investimento por Tipo de Ativo (% do PL)

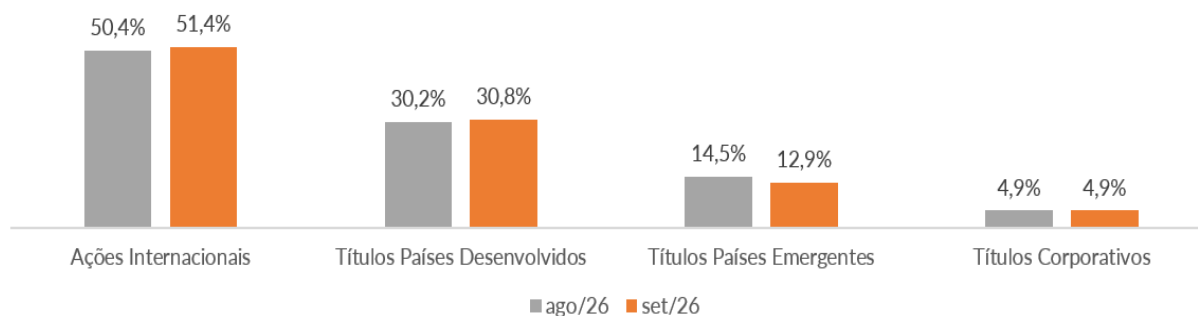


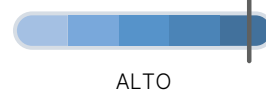
Gráfico de Rentabilidade (R\$)



# Open Vista Ciências Médicas Ações

Classe Única Investimento no Exterior

Escala de Perfil de Risco



O fundo Open Vista Ciências Médicas apresentou, em setembro, uma rentabilidade em queda de 0,4%, equivalente a uma queda de 0,1% em dólares. O setor de saúde global registrou queda de 1,8% em dólares no mês, portanto o fundo apresentou desempenho bastante superior ao desempenho do setor.

Em setembro de 2026, o setor global de saúde apresentou uma divergência entre a melhora dos fundamentos e a defasagem na alocação do capital. Após dois anos de compressão de *valuation* das principais empresas do setor, o ponto de inflexão fundamental dos segmentos farmacêutico e de ciências da vida foi confirmado por múltiplos indicadores positivos ao longo de setembro, mas a alocação global dos investidores no setor permaneceu abaixo do esperado, com o fluxo de recursos extremamente concentrado em infraestrutura de IA, o que acabou mascarando a dinâmica de lucros que o setor de saúde vem acumulando.

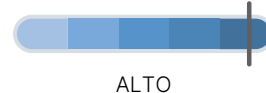
Do ponto de vista da dinâmica setorial, a mudança mais relevante de setembro veio da dissipação da incerteza regulatória e da aceleração do ciclo de inovação. Os sinais emitidos na 24ª Conferência Global de Saúde do banco Morgan Stanley indicaram que os formuladores de política nos Estados Unidos passaram a priorizar a “estabilidade do setor” e a maior clareza sobre tarifas e o arcabouço de preços de medicamentos reduziu significativamente o risco. Paralelamente, relatório de perspectivas divulgado pelo Credit Lyonnais Securities, no início de setembro, apontou que a cadeia de suprimentos farmacêutica global entra em um período de reestruturação de uma década, com mais de US\$ 500 bilhões em vendas de medicamentos de marca enfrentando expiração de patentes entre 2026 e 2032 — o chamado “penhasco de patentes” —, o que forçará as grandes farmacêuticas a intensificar investimentos em P&D e atividades de fusões e aquisições, beneficiando especialmente empresas de ciências da vida e plataformas de desenvolvimento e fabricação terceirizada com escala e presença global.

Entre as atividades das empresas do setor destacam-se a aprovação, pela Eli Lilly, do medicamento combinado de Inluriyo com Verzenio, para tratar determinados casos de câncer de mama avançado ou metastático. No estudo clínico, a combinação proporcionou uma sobrevida livre de progressão mediana, isto é, o período em que a doença não piorou, de 11,1 meses, contra 5,5 meses com Inluriyo isolado. A Novartis recebeu parecer positivo do Comitê de Medicamentos para Uso Humano da Agência Europeia de Medicamentos para o Cosentyx, um medicamento anti-inflamatório destinado ao tratamento da polimialgia reumática. O parecer ainda não equivale à aprovação definitiva pela União Europeia. A Roche informou que o tratamento avaliado no estudo CELESTIMO melhorou de forma estatisticamente significativa o tempo sem progressão da doença em pacientes com linfoma folicular e também anunciou a aprovação europeia do Susvimo, um sistema de tratamento para uma forma de degeneração macular relacionada à idade que causa perda de visão. A AstraZeneca também divulgou avanços com o Etcamah, destinado a certos casos de câncer de mama avançado, e com o tozorakimab, voltado a doenças respiratórias como a doença pulmonar obstrutiva crônica. A Novo Nordisk apresentou resultados do CagriSema, combinação experimental de

# Open Vista Ciências Médicas Ações

Classe Única Investimento no Exterior

Escala de Perfil de Risco



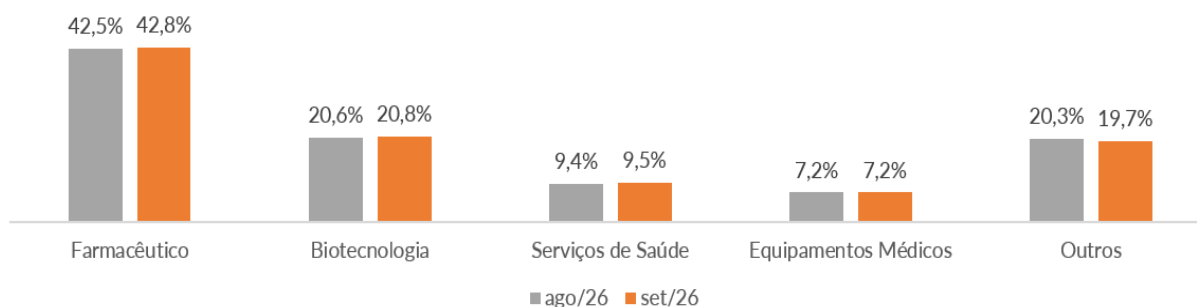
dois medicamentos para obesidade e diabetes, que ainda não havia recebido aprovação regulatória. Em conjunto, esses eventos mostram inovação em oncologia, obesidade, diabetes, oftalmologia e doenças respiratórias. Os indicadores clínicos foram divulgados pelas próprias companhias e podem estar sujeitos a limitações metodológicas e ainda não foram convertidos em estimativas de receita, lucro ou retorno das ações.

As principais posições do fundo incluem empresas farmacêuticas e de biotecnologia tais como Eli Lilly, Johnson & Johnson, Abbvie e Merck, que em conjunto representam 27,1% dos investimentos do fundo, além de empresas de seguros de saúde, com destaque para a UnitedHealth. As dez maiores posições representam 50,8% do patrimônio do fundo.

Setorialmente falando, a participação em Farmacêuticas no fundo aumentou de 42,5% para 42,8% e as empresas de Biotecnologia que foram elevadas de 20,6% para 20,8%. O peso de Serviços de Saúde fechou o mês em 9,5%, sinalizando a manutenção da convicção nesse segmento, e as empresas de Equipamentos Médicos foram mantidas em 7,2% dos investimentos.

Os mercados globais de ações apresentaram, em setembro, resultados negativos em todas as regiões avaliadas. O MSCI World registrou queda de 1,3% em dólares (-1,6% em reais), o S&P 500 caiu 0,5% em dólares (-0,8% em reais), enquanto o MSCI Europa apresentou queda mais acentuada de 4,6% em dólares (-4,9% em reais). O MSCI Emergentes perdeu no mês 0,8% em dólares (-1,1% em reais). Regionalmente, o MSCI América Latina foi o que menos perdeu no mês, com queda de 0,4% em dólares (-0,7% em reais), e o MSCI Ásia fechou em queda de 0,6% em dólares (-0,9% em reais).

Investimento por Setores (% do PL)



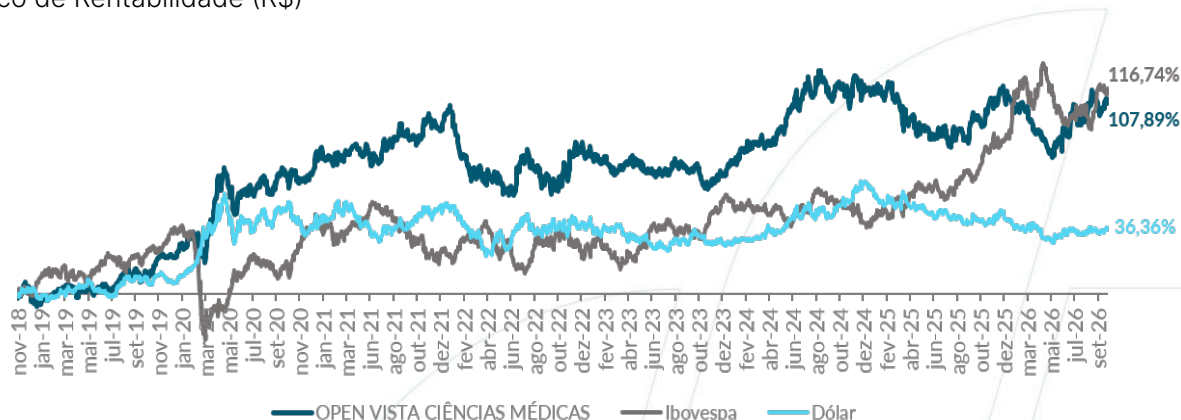
# Open Vista Ciências Médicas Ações

Classe Única Investimento no Exterior

Escala de Perfil de Risco



Gráfico de Rentabilidade (R\$)



# Open Vista Tecnologia Global Ações

## Classe Única Investimento no Exterior

Escala de Perfil de Risco



ALTO

O fundo Open Vista Tecnologia Global fechou setembro com uma rentabilidade em alta de 4,5% em reais, equivalente a uma alta de 4,8% em dólares. O setor de tecnologia global voltou a surpreender no mês e apresentou mais uma alta, com o índice global do setor em alta de 4,3% em dólares em setembro, desempenho aquém ao do fundo que possui investimentos que divergem da composição do índice setorial.

O setor global de tecnologia apresentou um comportamento de “extremos opostos”, com os ativos de infraestrutura de inteligência artificial concentrando-se no topo, enquanto a Ásia-Pacífico sofreu uma correção. O mercado acionário relacionado às empresas de tecnologia dos Estados Unidos, impulsionado pelas ações de semicondutores e grandes empresas de tecnologia, subiu, com o índice Nasdaq 100 acumulando alta de aproximadamente 3% no mês e renovando sua máxima histórica em 22 de setembro. Em contrapartida, o índice de empresas de crescimento de Shenzhen da China acumulou queda de 8,8%, e o índice Hang Seng de Hong Kong caiu 4,1%. Essa divergência não se deve à deterioração da narrativa da inteligência artificial, mas sim a uma nova rodada de “competição por lucros” nos mercados globais, na qual os ativos vinculados à chips e infraestrutura computacional foram precificados novamente com base na certeza dos lucros, enquanto os ativos que antes contavam apenas com expectativas foram forçados a se ajustar.

Do ponto de vista do mercado, setembro testemunhou uma série de eventos cruciais que remodelaram o padrão de precificação do setor de tecnologia. No aspecto de fusões e aquisições, a Advanced Micro Devices - AMD anunciou a aquisição da World Labs, startup de inteligência artificial fundada por Fei-Fei Li, por 8,2 bilhões de dólares, com o objetivo de se posicionar na fronteira da “inteligência artificial física” e da inteligência espacial. No mercado primário, a SpaceX alcançou a órbita com o sucesso de seu foguete Starship, fortalecendo ainda mais a expectativa de lucros da cadeia de infraestrutura espacial. A Nvidia aprovou um plano recorde de recompra de ações no valor de 150 bilhões de dólares, elevando o saldo restante de recompras autorizadas para 235 bilhões de dólares, um movimento que elevou diretamente o preço das ações contra a tendência. O banco JP Morgan acredita que a relação entre o múltiplo preço-lucro esperado das “sete gigantes da tecnologia” dos Estados Unidos e o da média do mercado já caiu para cerca de um desvio padrão abaixo da mediana histórica, atingindo o nível mais baixo em dez anos, e o espaço para compressão de valuation já é extremamente limitado, com o crescimento dos lucros prestes a se tornar a principal força impulsionadora do preço das ações. Impulsionado por essas informações, o índice de semicondutores da Filadélfia subiu mais de 4% em um único dia, o valor de mercado da AMD ultrapassou um trilhão de dólares.

Dentre as posições do fundo, destacam-se, além da Nvidia, Microsoft e Broadcom, que em conjunto representam 20,1% do fundo, empresas como a Apple, TSMC, Samsung e Lam Research, estas com 18,2% do fundo. As dez maiores posições representam 46,5% do patrimônio do fundo.

# Open Vista Tecnologia Global Ações

## Classe Única Investimento no Exterior

Escala de Perfil de Risco



ALTO

A alocação setorial do fundo mostrou pequenos desvios em relação ao mês anterior. A exposição às empresas de semicondutores foi mantida em 26,3%, às empresas de *hardware* e equipamento em 13,8%, enquanto as de *software* caíram para 14,1%. Por outro lado, a categoria Outros fechou com 30,1%, indicando uma diversificação em áreas complementares ou emergentes do setor de tecnologia.

Os mercados globais de ações apresentaram, em setembro, resultados negativos em todas as regiões avaliadas. O MSCI World registrou queda de 1,3% em dólares (-1,6% em reais), o S&P 500 caiu 0,5% em dólares (-0,8% em reais), enquanto o MSCI Europa apresentou queda mais acentuada de 4,6% em dólares (-4,9% em reais). O MSCI Emergentes perdeu no mês 0,8% em dólares (-1,1% em reais). Regionalmente, o MSCI América Latina foi o que menos perdeu no mês, com queda de 0,4% em dólares (-0,7% em reais), e o MSCI Ásia fechou em queda de 0,6% em dólares (-0,9% em reais).

Investimento por Setores (% do PL)

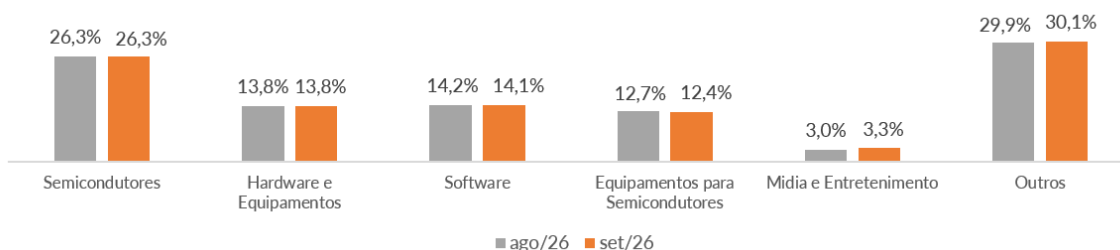
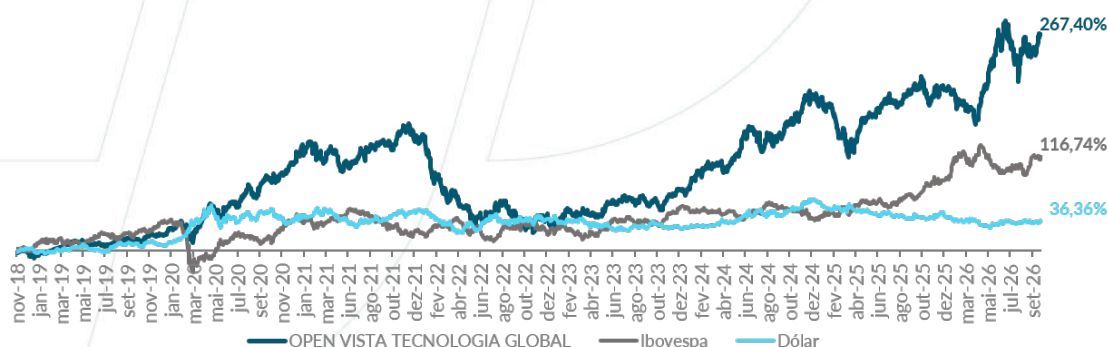


Gráfico de Rentabilidade (R\$)



## DISCLAIMER

O SOMMA Genebra Fundo de Investimento Financeiro – Classe de Investimento Renda Fixa Referenciado DI – Responsabilidade Limitada possui data de início em 20/07/2016, com taxa de administração de 0,50% a.a. e não possui taxa de *performance*. O fundo é destinado a investidores pessoas físicas e jurídicas em geral e está aberto para aplicações e resgates. Sua rentabilidade mensal em setembro de 2026 foi igual a 1,12% ou 103,89% do CDI, sua rentabilidade 12 meses é igual a 103,44% do CDI. O patrimônio líquido médio nos últimos 12 meses do fundo, nesta data, é igual a R\$R\$35.701.003,50.

### SOMMA Siena FIC DE FIDC

O SOMMA Siena Fundo de Investimento em Cotas de Fundos de Investimento em Direitos Creditórios – Responsabilidade Limitada possui data de início em 06/10/2025, com taxa de administração de 0,90% a.a. e com taxa de *performance* em 20% do que exceder 100% do CDI. O fundo é destinado a receber, exclusivamente, aplicações de Investidores Qualificados, nos termos do Artigo 12 da Resolução CVM 30. Sua rentabilidade mensal em setembro de 2026 foi igual a 1,26% ou 116,60% do CDI, sua rentabilidade 6 meses é igual a 111,60% do CDI e sua rentabilidade desde o início é de 15,60%. O patrimônio líquido médio desde o início é de R\$25.047.599,36

### SOMMA Torino Renda Fixa Crédito Privado

O SOMMA Torino Fundo de Investimento Financeiro – Classe de Investimento Renda Fixa Crédito Privado Longo Prazo – Responsabilidade Limitada possui data de início em 15/10/2018, com taxa de administração igual a 0,50% a.a. e não possui taxa de *performance*. O fundo é destinado a investidores pessoas naturais e jurídicas em geral, EFPC, RPPS e está aberto para aplicações e resgates. Sua rentabilidade mensal em setembro de 2026 foi igual a 1,09%, e sua rentabilidade em 12 meses é igual a 102,10% do CDI. O patrimônio líquido médio nos últimos 12 meses do fundo, nesta data, é igual a R\$497.713.551,12.

### SOMMA Firenze Renda Fixa Crédito Privado

O SOMMA Firenze Fundo de Investimento Financeiro – Classe de Investimento Renda Fixa Crédito Privado Longo Prazo – Responsabilidade Limitada possui data de início em 16/08/2022, com taxa de administração igual a 0,75% a.a. e taxa de *performance* igual a 20% do que exceder 100% do CDI. O fundo é destinado a investidores pessoas naturais e jurídicas em geral, EFPC e RPPS e está aberto para aplicações e resgates. Sua rentabilidade mensal em setembro de 2026 foi igual a 1,12%, ou o equivalente a 103,07% do CDI e sua rentabilidade desde o início é de 65,72%. O patrimônio líquido médio 12 meses do fundo, nesta data, é igual a R\$111.491.223,61.

### SOMMA ANS Renda Fixa Crédito Privado

A Classe Única de Cotas do SOMMA ANS Fundo de Investimento Financeiro Renda Fixa - Crédito Privado Responsabilidade Limitada possui data de início em 21/07/2020, com taxa de administração igual a 0,35% a.a. e não possui taxa de *performance*. O fundo é destinado a investidores profissionais, voltado ao setor de Saúde Suplementar, autorizados a funcionar pela ANS e está aberto para aplicações e resgates. Sua rentabilidade mensal em setembro de 2026 foi igual a 1,13% e sua rentabilidade 12 meses é igual a 103,35% do CDI. O patrimônio líquido médio nos últimos 12 meses do fundo, nesta data, é igual a R\$218.740.451,89.

### SOMMA Institucional Multimercado

A Classe Única de Cotas do SOMMA Institucional Fundo de Investimento Financeiro Multimercado - Responsabilidade Limitada possui data de início em 06/05/2010, com taxa de administração igual a 0,8% a.a. e taxa de *performance* igual a 20% do que exceder 100% do CDI. O fundo é destinado a investidores em geral e RPPS e está aberto para aplicações e resgates. Sua rentabilidade mensal em setembro de 2026 foi igual a 0,84%, e sua rentabilidade 12 meses é igual a 85,35% do CDI. O patrimônio líquido médio nos últimos 12 meses do fundo, nesta data, é igual a R\$ R\$49.765.868,22.

### SOMMA Fundamental Ações

O SOMMA Fundamental Fundo de Investimento Financeiro – Classe de Investimento em Ações – Responsabilidade Limitada possui data de início em 29/05/2018, com taxa de administração igual a 1,95% a.a. e taxa de *performance* igual a 20% do que exceder 100% do IBOVESPA. O fundo é destinado a investidores pessoas naturais e jurídicas em geral, RPPS e está aberto para aplicações e resgates. Sua rentabilidade mensal em setembro de 2026 foi igual a -0,99% e sua rentabilidade a uma diferença de +0,19 do Ibovespa e sua rentabilidade em 12 meses é igual a 18,33%. O patrimônio líquido médio nos últimos 12 meses do fundo, nesta data, é igual a R\$ R\$33.883.587,63.

### Open Vista Patrimônio Global Multimercado

A Classe Única de Cotas do Open Vista Patrimônio Global Fundo de Investimento Financeiro Multimercado - Responsabilidade Limitada possui data de início em 14/11/2018, com taxa de administração de 1,75% a.a. e não possui taxa de *performance*. O fundo é destinado exclusivamente a investidores qualificados conforme a resolução CVM 30/2021 e está aberto para aplicações e resgates. Sua rentabilidade mensal em setembro de 2026 foi igual a -0,99% e sua rentabilidade 12 meses é igual a 4,10%. O patrimônio líquido médio nos últimos 12 meses do fundo, nesta data, é igual a R\$10.597.698,65.

### Open Vista Ciências Médicas Ações

A Classe Única de Cotas do Open Vista Ciências Médicas Fundo de Investimento Financeiro em Ações - Responsabilidade Limitada possui data de início em 14/11/2018, com taxa de administração de 1,75% a.a. e não possui taxa de *performance*. O fundo é destinado exclusivamente a investidores qualificados de acordo com a resolução CVM 30/2021 e está aberto para aplicação e resgates. Sua rentabilidade mensal em setembro de 2026 é igual a -0,45% e sua rentabilidade anual é igual a -2,72%. O patrimônio líquido médio nos últimos 12 meses do fundo, nesta data, é igual a R\$2.115.032,76.

### Open Vista Tecnologia Global Ações

A Classe Única de Cotas do Open Vista Tecnologia Global Fundo de Investimento Financeiro em Ações Responsabilidade Limitada possui data de início em 14/11/2018, com taxa de administração de 1,75% a.a. e não possui taxa de *performance*. O fundo é destinado exclusivamente a investidores qualificados de acordo com a resolução CVM 30/2021 e está aberto para aplicação e resgates. Sua rentabilidade mensal em setembro de 2026 é igual a 4,53% e sua rentabilidade anual é igual a 22,78%. O patrimônio líquido médio nos últimos 12 meses do fundo, nesta data, é igual a R\$8.544.931,88.

As informações contidas neste material têm caráter meramente informativo e não constituem qualquer tipo de aconselhamento de investimento ou oferta para aquisição de valores mobiliários. Os investimentos em fundo de investimentos e demais valores

mobiliários apresentam riscos para o investidor e não contam com garantia da instituição administradora, da gestora, de qualquer mecanismo de seguro ou do Fundo Garantidor de Créditos (FGC). A rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. A rentabilidade divulgada não é líquida de impostos. É recomendada a leitura cuidadosa do formulário de informações complementares, a lâmina de informações essenciais, se houver, e o regulamento dos fundos pelo investidor antes de tomar qualquer decisão de investimento. Os documentos citados estão disponíveis no site da Comissão de Valores Mobiliários - [www.cvm.gov.br](http://www.cvm.gov.br). Para demais informações, por favor, ligue para 48 3037 1004. Para consulta ao Sumário da Remuneração dos Prestadores de Serviço, acessar: <https://www.sommainvestimentos.com.br/sumarios-de-remuneracao/>

---

[ri@sommainvestimentos.com.br](mailto:ri@sommainvestimentos.com.br)  
ou ligue +55 48 3037 1004